

PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NO ESPORTE PARALÍMPICO BRASILEIRO

Ana Carolina Felizardo da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Fernando Augusto Starepravo (Orientador), Jeferson Roberto Rojo (Co-Orientador). E-mail: ra115445@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Maringá, PR.

CNPq/CAPES: Ciências da Saúde/ Educação Física.

Palavras-chave: Pessoas com deficiência; Gênero no esporte; Atletas Paralímpicas;

RESUMO

A Legislação Brasileira define que a pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. No esporte vemos diversas assimetrias entre homens e mulheres e, em se tratando de mulheres com deficiência, a inclusão se torna um duplo desafio. Nesse sentido, o presente estudo teve por objetivo analisar como se dá a participação de mulheres brasileiras nas Paralimpíadas. Trata-se de uma pesquisa descritiva direta onde foram utilizadas fontes como: registros do Comitê Paralímpico Brasileiro, portais do governo brasileiro, livros, teses, dissertações, artigos e material midiático. A análise foi realizada por meio da análise de conteúdo de Bardin. Como resultados evidenciamos o quantitativo de mulheres participantes de todos os países e especialmente do Brasil no decorrer de todas as edições dos Jogos Paralímpicos. No caso exclusivamente do Brasil não encontramos o nome de todas as participantes, apenas o nome de todas medalhistas Paralímpicas. Traçamos a construção da trajetória de duas atletas, a pioneira Anelise Hermany e a maior medalhista da história de todas as edições, Ádria Rocha Santos. Abordar a discussão de gênero e esporte é um grande desafio quando nos deparamos com a escassez de pesquisas/estudos dessa natureza, portanto o projeto focou em mostrar a trajetória de inserção das mulheres tanto na vida social e política quanto na área esportiva.

INTRODUÇÃO

As pessoas com deficiência são aquelas que, segundo a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), “[...] têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial”. A Legislação Brasileira, também, estabelece que é direito das pessoas com deficiência o acesso em igualdade de condições a todos os ambientes sociais, inclusive no esporte, e quando se tratamos a problemática “esporte e gênero” nos deparamos com uma série de assimetrias entre homens e mulheres.

Nas Paralímpiadas não seria diferente de todos os outros campos esportivos, tanto é que podemos visualizar que a origem do esporte para pessoas com deficiência nasce após a 2ª Guerra Mundial, para reabilitação dos soldados que voltavam machucados e amputados dos campos de batalha e o que mais tardiamente viria a ser uma das maiores competições mundiais, os Jogos Paralímpicos.

A partir do exposto, o presente estudo teve como objetivo analisar como se dá a participação de mulheres brasileiras nas Paralímpiadas. Nesse sentido buscou elencar a discussão de gênero no esporte, verificar o quantitativo de mulheres participantes de todas as edições, bem como avançou na elaboração da trajetória de vida de atletas brasileiras medalhistas Paralímpicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

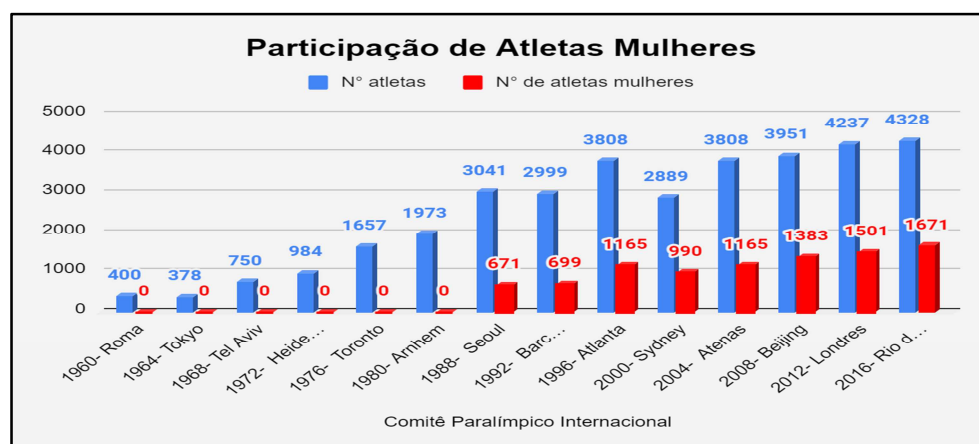
Trata-se de uma pesquisa descritiva direta em que o primeiro objetivo específico foi realizado utilizando como instrumento de pesquisa uma revisão narrativa sobre esporte, Paralímpiada, participação e mulheres. O segundo objetivo específico foi cumprido por meio da análise documental de registros do Comitê Paralímpico Brasileiro/Internacional e portais do governo brasileiro. O terceiro objetivo específico utilizou-se de uma análise documental, se apoiando em fontes encontradas em formato de: livros, teses, dissertações, artigos e material midiático por meio também da análise documental. A elaboração das biografias de atletas Paralímpicas brasileiras foi feita a partir de um recorte histórico das pioneiras, tendo em vista a disponibilidade de informações que não de ser encontradas na internet. A análise foi realizada por meio de da análise de conteúdo de Bardin (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao adentrar no estudo de gênero no esporte para pessoas com deficiência, nos deparamos com um duplo desafio, que teve seu primeiro objetivo em narrar a literatura acerca dos objetos de pesquisa. Podemos elencar que o esporte para pessoas com deficiência foi pensado aos homens, inicialmente foi implementado aos soldados, ou seja, mulheres não estavam aptas a participarem, com o decorrer dos anos vemos que a luta feminista cresceu e vem aumentando a integração da mulher na sociedade como um todo, inclusive no esporte. Moura (2022, p. 51) retrata exatamente: “A luta das mulheres, atrelada ao movimento feminista, possibilitou não só o acesso a vida pública pelas mulheres, mas o acesso ao esporte, antes considerado prejudicial à saúde “das mulheres, mães e donas de casa”.

Percebemos que o quantitativo de mulheres ao longo do tempo vem aumentando, todavia o número ainda é inferior aos homens, assim como demonstra a Figura 1, com os dados retirados do Comitê Paralímpico Internacional (COI):

Figura 1: Participação de Atletas Mulheres



Ao coletar os dados no site governamental, Comitê Paralímpico Brasileiro (COB), podemos identificar o nome das atletas brasileiras medalhistas, e a partir disso traçamos a construção das biografias e até pela disponibilidade de informações cibernéticas, evidenciamos a carreira de duas atletas pioneiras: Anelise Hermany e Ádria Rocha Santos.

Anelise tem deficiência visual total, é cega de nascença e a pioneira em mulheres brasileiras participantes das Paralimpíadas, com 17 anos de idade já estava em sua primeira participação como atleta Paralímpica e se tornando a primeira mulher brasileira a ser medalhista. Anelise conquistou 3 medalhas em provas de salto em distância e corrida na modalidade do atletismo em 1984, o Brasil totalizou 5 medalhas nesta edição. Em Seul 1988 ela conquista mais 2 medalhas e encerra sua participação em Jogos Paralímpicos. Hoje em dia aos 57 anos de idade, Anelise serve de inspiração e espelho para jovens mulheres com deficiência que sonham em se tornar atletas.

Ádria Rocha Santos, simplesmente o maior nome dentre medalhistas Paralímpicos e Olímpicos, nascida em Minas Gerais em 1974 e sua primeira participação em Paralimpíadas foi em Seul 1988, assim como Anelise, tem deficiência visual. Em sua carreira disputou 6 edições de Jogos Paralímpicos, totalizando 13 medalhas, competindo em provas de corridas no atletismo, ela foi especialista em provas de velocidade. Com apenas 14 anos conquistava suas 2 primeiras medalhas, logo na próxima edição em 1992 conquistou mais uma medalha, alcançando o lugar mais alto do pódio pela primeira vez. Na edição de Atlanta 1996 ganhou mais 3 medalhas e aos seus 26 anos nas Paralimpíadas de Sydney 2000, foi o auge da carreira que já era recheada de medalhas, conquistou 2 ouros e 1 prata. Na sua quinta participação soma mais 3 medalhas na sua carreira e em Pequim 2008 teve sua última medalha Paralímpica (REDE DO ESPORTE, 2018). Atualmente com 49 anos, mora em Joinville-SC e recentemente inaugurou seu Instituto "Instituto Ádria Santos" que promove a vivência do esporte para alunos e alunas da rede pública de ensino que visa a promoção da conscientização da inclusão social da pessoa com deficiência.

CONCLUSÕES

Destacando o objetivo principal da pesquisa que é a elaboração das biografias das atletas mulheres elencamos a discussão de gênero para aporte teórico delimitando as assimetrias entre homens e mulheres não só no esporte que é um espaço mais aflorado disto, mas em toda sociedade. Levantamos dados em relação à participação de mulheres nas Paralímpiadas e vemos que o número de mulheres vem crescendo e a tendência é que em Paris 2024, esse quantitativo esteja em igualdade entre homens e mulheres.

A construção da biografia de cada uma é um ato simbólico de reconhecimento e efetivação das mulheres com deficiência na relevância científica-acadêmica, como vimos que há uma grande escassez de informações no meio acadêmico. Concluímos que trazer a discussão de gênero no esporte ainda é algo em construção no meio em que estamos inseridos, e se tratando de mulheres com alguma deficiência no esporte se torna um duplo desafio a ser vencido.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais ao órgão financiador do projeto, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e aos Professores Doutores Fernando Augusto Starepravo orientador da pesquisa e Jeferson Roberto Rojo co-orientador da pesquisa e por último e não menos importante, meus agradecimentos ao GEPPOL-UEM (Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer), a qual faço parte e a todos integrantes.

REFERÊNCIAS

ÁDRIA, S. **Rede do Esporte**, 10 de Agosto de 2018. Disponível em: <<http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas/adria-santos>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009. BOURDIEU, P. A **Dominação Masculina**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. LBI, 6 de julho de 2015.

MOURA, G. X. de. **Por que não se importam com elas? O Esporte de mulheres na agenda governamental do Brasil**. 2022. 206f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022. Acesso em: 20 de Agosto de 2023.